

# NOVOS OBJETIVOS PARA A AMÉRICA LATINA

PLINIO ARRUDA SAMPAIO

**Abstract:** In some countries, significant achievements have led to the establishment of relatively solid republican traditions. This process was interrupted by the radical changes in Capitalism in the past decades. If we consider Brazil, it is possible to identify in the deficiency of the ruling elites the grandest responsibility for interrupting the project of building up of our sovereignty, what has driven the nation to the corner it is to be found.

Quando recebi o convite para falar neste Seminário, acudiu-me logo uma pergunta: por que motivo os filósofos convidaram um político para dirigir-lhes a palavra na sessão de clausura do evento?

A única resposta que me pareceu plausível foi a de que, havendo discutido durante toda uma semana as indagações que as vertiginosas transformações atualmente em curso colocam para a reflexão filosófica, quiseram concluir com o depoimento de um prático da política, como uma espécie de matéria-prima em estado bruto, para continuar em seus gabinetes de estudo e em suas cátedras as discussões do conclave.

Sobre a América Latina, o primeiro a dizer é que estamos diante de um conjunto de países extremamente diferentes entre si, mas que, apesar disso, apresentam várias semelhanças: são todos países economicamente subdesenvolvidos e dependentes; todos, projetos nacionais inconclusos e hoje paralisados; todos, sociedades traumatizadas por um enorme genocídio e marcadas pela dualidade estrutural de suas economias e de suas sociedades, onde moderno e arcaico convivem lado a lado.

Mais de três décadas de observação desses casos e de procura por soluções para os terríveis dramas humanos que decorrem dessas realidades, levaram-me a conclusão de que, nós, latino-americanos, estamos buscando a felicidade, por caminhos equivocados.

---

Plinio Arruda Sampaio é advogado e membro da Comissão de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Proclamamos nossa independência política há quase duzentos anos e, desde então, as elites que nos têm dirigido não têm tido outra preocupação senão a de reproduzir aqui as sociedades desenvolvidas do ocidente. Copiamos as técnicas produtivas, os padrões estéticos, as expressões religiosas; os sistemas jurídicos e, especialmente, os hábitos de consumo daquilo que consideramos a cultura, a civilização e – hoje – o dito “Primeiro Mundo”. Nossa obsessão tem sido: “chegar lá”.

Sem dúvida, caminhamos bastante nessa direção. Mas nunca “chegamos lá”.

Tão preocupados estivemos em alcançar esse inalcançável objetivo, que não tivemos olhos para ver o processo que se realizava nos desvãos da sociedade latino-americana moderna, capitalista, européia e, agora, norte-americana.

Desde o período colonial, o processo de desbravamento da terra, de submissão do indígena, de assimilação do africano, de criação de um espaço econômico, foi dando origem a um padrão étnico que se define pela sua incapacidade de definição: nem índio, nem negro, nem branco. Mistura nova, que fundiu heranças genéticas, expressões religiosas, éticas, estéticas, formas culturais, dessas três raízes. Essa imensa massa humana, sempre dominada, ora pelo europeu colonizador, ora pela elite “criolla”, foi a que, com seus braços e suas existências sacrificadas, abriu as estradas, cavou as minas, derrubou as selvas, plantou as culturas, construiu as igrejas, os palácios, as cidades, realizando a fusão desses três grandes troncos.

Na América Latina, as soluções mais funcionais, mais ecológicas, mais belas, tanto para o uso da lã na fabricação de vestimentas, como para o emprego da madeira, do barro e da pedra nas construções; para o aproveitamento das águas na agricultura e para a exploração racional da biodiversidade, sem falar na culinária, na música e na dança, foram criações culturais da massa mestiça, no afã de sobreviver, com dignidade e alegria de viver, sob uma impiedosa dominação.

No plano político, essa massa incorporou o projeto nacional das elites “criollas” – projeto das nascentes e vigorosas burguesias européias e norte-americana – porque vislumbrou nele a possibilidade de livrar-se da dominação a que esteve sempre submetida. A história da América Latina, a partir do começo do século XIX e durante todo o século XX, é a história do esforço dos nossos povos para transformar sociedades coloniais em nações soberanas e autônomas. Com toda a ambigüidade que esse processo traz consigo, podemos dizer que essa empreitada constitui a essência da nossa história independente.

Para realizar esse objetivo, as elites dirigentes combinaram arcaico e moderno. Moderno: a última moda da tecnologia produtiva; a última moda de consumo das sociedades consumistas. Arcaico: tudo o que o povo latino-americano criou nestes quinhentos anos de história, adaptando, com uma criatividade singular, culturas européias, indígenas e africanas, aos constrangimentos e às possibilidades que o meio ambiente lhe apresenta. Moderno: as formas de relação entre o capital e o trabalho adotadas nos países desenvolvidos. Arcaico: as formas coloniais adaptadas pelos dominantes ao objetivo de sobre-exploração da força de trabalho.

A ninguém escapa o enorme sacrifício humano que essa transformação de sociedades agrárias e rurais em sociedades industriais e urbanas cobrou dos camponeses e dos operários. Mas a verdade é que caminhamos bastante nessa senda, pois, durante muito tempo foi possível conciliar a construção nacional com a dependência econômica, uma vez que o desenvolvimento do capitalismo nas regiões subdesenvolvidas conjugava-se com os movimentos de acumulação de capital nos centros do capitalismo internacional.

A grande transformação do quadro político e social do continente – uma realidade que muitos ainda não conseguem ou não querem enxergar – está acontecendo agora. Trata-se de um processo que começou nos anos setenta, quando, primeiramente, a crise do capitalismo keynesiano e, posteriormente, a investida neoliberal evidenciaram a inviabilidade do projeto das elites latino-americanas de construir aqui estados nacionais burgueses e economias nacionais desenvolvidas como as do Primeiro Mundo.

Colocada diante dessa realidade, as elites tinham dois caminhos: dar prosseguimento ao projeto de construção nacional, em franca oposição com os centros do capitalismo internacional e com as potências capitalistas que os sustentam; ou renunciar a qualquer prurido de autonomia e permitir o desmantelamento do projeto histórico forjado desde a independência.

Elas preferiram o segundo caminho: renunciaram a duzentos anos de história e enveredaram pelo caminho da subserviência desavergonhada.

O que estamos assistindo nestas duas décadas são as conseqüências desse passo. O desemprego que atinge todos os nossos países, a desnacionalização das nossas economias, a investida brutal contra nossas riquezas naturais, o desmonte das instituições do Estado, a escalada da corrupção e da violência – tudo isso não é senão o resultado dessa renúncia do projeto de Nação em favor da construção de “Mercados Emergentes”, que permitirão às minorias ricas de nossos países a fruição dos padrões modernos de consumo das sociedades capitalistas desenvolvidas.

Tomados de surpresa, no final dos anos oitenta, pelas vertiginosas mudanças do contexto internacional, pelo efeito devastador de uma liberalização irresponsável das nossas economias e pela introdução acelerada de técnicas produtivas “des-empregadoras” em nossa indústria, os operários perderam poder de negociação, debilitando-se e debilitando com eles todas as forças populares. Houve um momento de perplexidade. Que fazer diante de eventos que se impunham como inelutáveis e que colocavam para nossos povos a alternativa: modernização a qualquer preço ou barbárie?

Demorou para que surgisse uma nova síntese, um novo caminho. Isto começa a configurar-se agora, ainda de forma embrionária, porém já com uma clara direção.

Podemos tomar uma palavra do economista brasileiro Celso Furtado para definir esse novo caminho:

O desafio que se coloca no umbral do século XXI é nada menos que uma transformação no curso da civilização, deslocar seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação a curto prazo para uma lógica dos fins, voltada para o bem-estar social, a liberdade e a cooperação entre os povos. Devemos empenhar-nos para que esta seja a tarefa maior entre as que preocuparão os homens no próximo século: estabelecer novas prioridades para a ação política em função de uma nova concepção de desenvolvimento posto ao alcance de todos os povos e capaz de preservar o equilíbrio ecológico do planeta. O objetivo deixaria de ser a reprodução dos padrões de consumo de minorias ricas para ser a satisfação das necessidades básicas do conjunto da população, e a educação, concebida como desenvolvimento das potencialidades humanas no plano ético, estético e da ação solidária. A criatividade humana, obcecada atualmente pela inovação tecnológica a serviço da acumulação econômica e do poder militar, seria dirigida para a busca da felicidade, entendida esta como realização das potencialidades e aspirações dos indivíduos e das comunidades.

Este é o que se pode chamar um texto seminal. Ele aponta para um caminho totalmente novo, mas profundamente enraizado na história, não na história das classes dirigentes, mas na história não contada do nosso povo.

Trata-se de um projeto possível. Com efeito, embora nossos países não tenham a mais mínima possibilidade de alcançar o desenvolvimento econômico dos países do Primeiro Mundo, têm, contudo, com os recursos humanos e naturais de que dispõem, todas as possibilidades de atingir os

objetivos realistas fixados por Celso Furtado neste texto: alimentar adequadamente suas populações; proporcionar-lhes habitações dignas; educar a juventude; cuidar adequadamente da saúde da sua gente, assegurar a todos acesso aos bens da cultura e à plena participação política.

Tudo isto é possível com os recursos existentes, mesmo nos países menores e mais pobres, desde que o objetivo do desenvolvimento não seja a reprodução do consumismo suicida das sociedades capitalistas desenvolvidas e desde que tenhamos, como povos, coragem para romper com a dependência externa.

Argumenta-se que a ruptura com a ortodoxia econômica que preside a globalização da economia capitalista mundial privará os países latino-americanos da tecnologia moderna e que isto implicará um retrocesso, não apenas econômico, mas cultural. Na expressão dos porta-vozes das elites latino-americanas: um retrocesso à barbárie.

O argumento é falacioso. O grau de desenvolvimento das forças produtivas, que já atingimos em todos os países da América Latina, é suficiente para a produção dos bens e serviços requeridos para satisfazer as necessidades fundamentais, não apenas da sobrevivência biológica, mas também do conforto que costuma acompanhar o conceito corrente de vida civilizada. O fantasma da dependência tecnológica, que assusta tanto as elites aculturadas do continente, precisa ser exorcizado para que nossos povos liberem sua criatividade e tomem seus destinos em suas mãos.

Obviamente, viabilidade econômica não significa diretamente viabilidade política.

Para conseguir esta – sem o que a primeira não se materializa – é preciso desfazer equívocos, desmontar falácias, expressar claramente anseios, ganhar mentes e corações. É preciso refletir sobre os objetivos e os meios, sobre as estratégias e as táticas. Tarefa para pessoas engajadas. Tarefa de militantes.

Seria também uma tarefa para filósofos?

Creio que sim. Como diz o nosso grande romancista – Guimarães Rosa – “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada”.

Pensar as estratégias e os instrumentos desse desenvolvimento mais equilibrado, mais em harmonia com a natureza, socialmente mais justo, sintonizado com a história original, trágica, cruel, mas ao mesmo tempo maravilhosa, dos nossos povos, requer, sem dúvida, a contribuição daqueles que, por vocação, dedicaram suas vidas à reflexão sobre os universais, sobre as possibilidades e condições do conhecimento, sobre os pres-

supostos da ética, sobre as grandes angústias e os grandes anseios dos seres humanos.

Na esteira de gente como Gabriela Mistral, Borges, Guimarães Rosa, Arguedas, García Marques que souberam narrar a busca apaixonada dos latino-americanos pela própria identidade, pela possibilidade de uma vida digna e feliz, precisamos contar, nesta hora da verdade para cada um dos nossos países, com uma geração de filósofos capaz de criticar a civilização moderna e de nos fornecer elementos para construir uma sociedade que “não esteja obcecada pela inovação tecnológica a serviço da acumulação econômica e do poder militar”, mas que dirija sua criatividade para a busca da felicidade.

Não será este um problema filosófico?